



www.observatoriodacritica.com.br

Entrevista com Eneida Maria de Souza

Correio Braziliense
12/07/2003

Disponível em:

http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20030712/sup_pen_120703_12.htm

Acesso em 25 jan. 2010.

Entrevista / Eneida Maria de Souza Estudos culturais. Trânsito de idéias

Para a crítica cultural mineira, é ótimo viver em tempo de tantas incertezas

Por Sérgio de Sá
Da equipe do Correio

*Eneida Maria de Souza é uma das maiores críticas literárias em atividade no país. Ou melhor: Eneida Maria de Souza é uma das maiores críticas culturais em atividade no país. A segunda afirmativa tem mais a ver com o trabalho que essa professora titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais vem desenvolvendo nos últimos anos, e pelo qual vem lutando. Seu último produto, o livro *Crítica cult*, foi lançado no final do ano. Percorre um vasto repertório em que a ficção serve como base ou pressuposto para se abordar diversas questões. Carmem Miranda, por exemplo.*

*Eneida está há mais de 30 anos no ofício. Estudou com Julia Kristeva na Universidade de Paris VII, foi presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic) e é autora de vários livros, entre eles *A pedra mágica do discurso*, *O traço crítico* e *O século de Borges*. Ela recebeu o *Pensar* em seu apartamento em Belo Horizonte. Na entrevista que segue, mostra por que não cabe mais encastelar a literatura enquanto o mundo destruiu a ponte elevadiça.*

Correio – Que lógica contemporânea é essa que afirma não haver binarismos como dentro/fora, centro/periferia, externo/interno?

Eneida Maria de Souza – Depois do 11 de setembro, isso fica um pouco mais dúbio, um pouco mais complexo, é verdade. Há uns dez, 15 anos, nós estamos defendendo a quebra de fronteiras, o fim dessas conotações muito rígidas. Depois dessa posição dos Estados Unidos em relação ao mundo, temos de repensar isso. A globalização trouxe essa abertura, que é uma maravilha para os estudos literários, os estudos culturais. Ao mesmo tempo, o mundo mudou muito. Tudo isso hoje é para nós uma forma de resistência, uma resistência que foi invertida pelo imperialismo norte-americano.

Correio – O império volta a ter endereço?

Eneida – Sim. Depois do lançamento de uma teorização, uma perspectiva de globalização, abertura de portos, volta-se a um momento anterior. É como se eles dissessem: pregamos uma coisa mas para nós as fronteiras estão muito rígidas. Para nós, como disse antes, isso se torna resistência. Não é por que aconteceu tudo isso que nós vamos desistir. Temos, no entanto, de separar a questão teórica da questão prática.

Correio – Na teoria, o fim dos paradigmas incomoda?

Eneida – Sim, mas isso é ótimo. O incômodo é que traz reflexão. Há 30 anos, quando trabalhávamos com estruturalismo, com teorias e métodos que eram na nossa cabeça muito estáveis, havia uma certa tranquilidade. Hoje não. Como diz um professor do Canadá, o Walter Moser, estaríamos numa terceira fase, um estar em trânsito. Ele dá o exemplo de um romance que se passa num aeroporto, com dois finais. Num deles, o aeroporto é destruído. Quer dizer, a saída é difícil, mas ao mesmo tempo é muito interessante a gente viver hoje, tendo em vista que a teoria que a gente utiliza é precária.

Correio – Nesse sentido, os estudos literários ocupam um não-lugar.

Eneida – Antes, seria mais interessante pensar no termo literatura comparada, que trouxe uma grande contribuição nos últimos anos para pensarmos a cultura brasileira. Não adianta ficar estudando Nietzsche, Freud, Lacan sem que haja uma perspectiva nacional. Não é trazer tudo para o ponto de vista local, não é isso. Mas a cultura brasileira deve ser realmente o ponto de partida. Como Freud entrou no Brasil, qual a

influência de Freud no Brasil, e por aí vai. Não dá mais para trabalhar só valorizando o que vem de fora. Com relação aos estudos culturais, o importante é que realmente a literatura passa a ocupar esse não-lugar como todas as outras disciplinas. Não há a obrigação de tentar colocar a literatura num patamar mais alto do que ela tem. Ela tem o seu valor como a filosofia tem o seu valor, como a cultura de massa tem o seu valor. Essa necessidade de uma certa horizontalidade das disciplinas e não essa relação vertical é que justamente vai transformar os estudos culturais quase como numa democracia dos estudos. Isso tem trazido uma série de críticas, se diz que é o vale-tudo, que não se valoriza essa ou aquela disciplina. O importante é não ficar defendendo o gueto. Com a globalização, você passa a ter a defesa dos valores locais, da mesma maneira ocorre a defesa das disciplinas. Isso é o pior que pode acontecer, da mesma forma que existem os fundamentalismos.

Correio – Na acusação de vale-tudo, onde o texto literário se segura?

Eneida – Em primeiro lugar, não é preciso pensar no conceito de literatura. Se você amplia o conceito, você tem a ordem ficcional que perpassa os discursos sem ser hegemônica. Se antes a gente brigava porque a ciência dominava os outros discursos, hoje temos essa categoria que perpassa o discurso da história, da filosofia, da psicanálise e, ao mesmo tempo, a ampliação do conceito de narrativa, que hoje é a grande discussão. Não se separa mais ficção de teoria, teoria de ficção, os dois conceitos podem estar imbricados, e sem privilegiar nem um nem outro, sem cair no binarismo que a gente caía. E a **literatura** entra aí com grande força, agindo de uma forma como nunca antes. É claro que a literatura tem de sair de um estudo mais fechado, estilístico, para ampliar esse conceito, transformar esses conceitos em determinadas metáforas – da narrativa, da ficção, do texto.

Correio – Nessa linha de pensamento que quebra dualismo, o objeto literário pode, portanto, veicular teoria?

Eneida – Há textos literários que são mais voltados à teorização. A gente não pode generalizar. Se você pega Calvino, Borges, Silviano Santiago, principalmente a literatura pós-moderna, há uma tendência em teorizar o ficcional, e transformar o ficcional num laboratório de questões teóricas. Ao mesmo tempo, cada um pode ler um texto literário conforme a visão que tem de determinada teoria. E esse texto, mesmo que não tivesse essa intenção, ele pode te propiciar essa leitura. Um filósofo ou um psicanalista vai ler de maneira diferente os mesmos textos. O texto literário funciona como uma imagem, uma

metáfora, para que você daí tire os conceitos. A lição que nos foi dada por Nietzsche vai guiar esse pensamento metafórico, que permeia todo o século 20, a questão da interpretação. Benjamin, por exemplo, um dos que seguiram Nietzsche, começa sempre por um exemplo, uma fábula, e vai retirando sua teoria. Mas também é claro que você pode ler um texto sem teorizar.

Correio – Como a senhora age, como se posiciona diante de um texto quando lhe encomendam uma crítica literária?

Eneida – Em primeiro lugar se deve ler o texto (risos). Mas ler com certo cuidado, especialmente se for um autor novo que você não conhece muito. E depois destrinchar: ver de onde vem, para onde vai, qual a geração, em que momento está se inserindo, se tem relação com algum escritor anterior, ver se o autor tem outras obras – você nunca pode analisar um autor a partir de uma obra só, se ele, claro, tem outras. Não é fácil não. Vou ver se o texto tem qualidade, o que não implica que tenha uma linguagem moderna ou pós-moderna. Não é por aí. Vou ver se o texto é realmente bem-organizado, bem-estruturado. Vou ver se tem uma estética à qual eu me filio, que eu defenda. Por isso tenho de estar por dentro de todas as manifestações do momento.

Correio – O que leu ultimamente que recomende?

Eneida – Um livro muito bom do argentino Cesar Aira, chamado Cumpelaños. No momento em que completa 50 anos, ele faz um livro de testemunho, muito interessante. Agora estou relendo Pedro Nava.

Correio – É possível dizer que alguns paradigmas na leitura de um texto permanecem?

Eneida – Principalmente a questão da verossimilhança e do artifício, do distanciamento do escritor com a realidade. Um dos critérios mais rígidos de eu gostar do texto ou não de um texto é justamente isso: você se sentir certo e ciente de que aquela obra não é feita a partir de uma verossimilhança que quer copiar ou imitar o real. Isso não existe nunca, de maneira nenhuma. O escritor que se preza tenta cada vez mais criar e recriar essa realidade através do distanciamento e do artifício. Escrever é se afastar o tempo todo.